

Silo: produções de arte e ciência na prática cotidiana

*Silo: art and science
productions in everyday practice*

Cinthia Cristina Resende Mendonça

[0009-0008-5605-5314](tel:0009-0008-5605-5314)

Resumo

Traçar diálogos entre ciência e arte, tecnologia e agroecologia nos espaços rurais são parte central da trajetória da Silo, uma organização com residências artísticas, laboratórios de experimentação, encontros feministas e uma escola popular que valoriza saberes tradicionais e populares. A partir da apresentação das práticas da Silo, aponto a importância de produzir registros e sistematizar essas experiências para inseri-las no universo formal da ciência, valorizando saberes locais e seus espaços de produção.

Palavras-chave: Silo. Interseção Arte-Ciência. Saberes tradicionais e populares.

Abstract

Drawing up dialogues between science and art, technology and agroecology in rural spaces is a central part of the trajectory of Silo, an organization with artistic residencies, experimentation laboratories, feminist meetings and a popular school that values traditional and popular knowledge. From the presentation of Silo's practices, I point out the importance of producing records and systematizing these experiences in order to insert them into the formal universe of science, valuing local knowledge and its production spaces.

Keywords: Silo. Intersection of Art and Science. Agroecology

1. Introdução

Nós estávamos conversando mais cedo sobre os *espaços makers* e nossos projetos de pesquisa. E nessa conversa nós chegamos à conclusão da necessidade de transformar, por exemplo, um *espaço maker* em um espaço que tem costura, artesanato, trança e tudo aquilo que diz respeito a um conhecimento popular, que é super sofisticado e que é visto muitas vezes como *naif*, inclusive, mas que na prática não é. É um conhecimento sofisticado sim, porque foi construído na cultura, passado oralmente, ancestralmente, etc. Eu nem falo sobre construção da memória, pois o debate não é esse. A palavra é ancestralidade, pois é deste modo que é construído o conhecimento na cultura.

Voltando ao projeto, a Silo foi fundada em 2017. Ao longo de cinco anos, aconteceram momentos de muita experimentação, muitos encontros criativos para tentar entender o que era e o que queríamos, até chegar ao que somos hoje. Então quando nascemos, foi com essas frentes que falei de arte, ciência, tecnologia e alguns programas como a Residência Artística, que é uma programa que trabalha com ciência e arte. Nós fomos, inclusive, agraciados com um financiamento do Instituto de Serrapilheira, para fazer uma residência artística e um laboratório de experimentação e inovação cidadã. E de cada programa, nós fazemos catálogos e publicações impressas, porque ninguém vai contar essa história. Neste caso, nossos projetos precisam contar suas histórias até ao fim, convidar as pessoas para escreverem sobre o que elas viveram, sobre o que elas viram e testemunharam ali, para que isso seja um documento e tenha importância dentro de diferentes lugares, dentro e fora da formalidade da ciência. Isso é muito importante para nós.

O trabalho que fazemos com os agricultores e agricultoras, que se chama *CaipiratechLAB* — que é um jogo de inversão de valores já que esse nome, a princípio, é pejorativo. Posso dizer que quando usamos esse nome é divertido para nós, afinal, nós somos caipiras. O *CaipiratechLAB* é uma espécie de arranjo produtivo e escola onde criamos um curso anual para agricultores e agricultoras. Nesse programa eles têm acesso ao conhecimento sobre mudança climática, muito focado na problemática de cada um. Assim, cada lote, cada assentamento, cada lugar é estudado, os cientistas recebem essas informações e dão uma aula sobre mudanças climáticas a partir da realidade dessas pessoas e não a partir de uma coisa abstrata. Assim fica muito mais fácil. Todas ficam muito empolgadas com aquilo. Elas voltam para os seus assentamentos, para seus lotes, multiplicando aquele conhecimento, porque ele ficou mais palatável, mais acessível.

Eles também fazem a oficina de cerâmica, artes de pintura, com tinturas naturais, de terra, enfim, a metodologia usada é uma mistura de conceitos (meio Paulo Freire e bell hooks). Vamos transitando um pouco dentro desse universo dos temas geradores, daquilo que diz respeito à vida

dessas pessoas, e para nós não há separação, senão fica realmente muito complicado. Também fazemos os laboratórios de experimentação e inovação, que são espaços onde as pessoas vão para desenvolver coisas que elas já sabem, vão também para aprender coisas novas. Esse é um espaço muito propício para o erro, sendo que o erro é documentado, sistematizado e organizado. Algumas pessoas que estão aqui na plateia do II EBDC já passaram por lá, por esses laboratórios, e podem dizer depois se gostaram ou não, mas sejam sinceros.

E aí, o que acontece? Você também tem um espaço de aprendizagem, que é de muita autonomia, sem a relação de transferência, professor - aluno. Levamos em conta os saberes das nossas vidas. Talvez eu não saiba sobre física quântica, mas se eu souber costurar, estou na vantagem em algum aspecto da vida. E o conhecimento é sobre isso. Então, as pessoas precisam se sentir à vontade. Formamos um espaço, esses laboratórios, em que tentamos fazer esse equilíbrio dos saberes para que as pessoas possam, de fato, trocar seus conhecimentos e se sentirem à vontade nesse lugar.

Os encontros feministas da Silo — que são lendários, se vocês não conhecem, fiquem atentas — são maravilhosos. São espaços para pessoas trans, mulheres, todo o espectro do feminismo está ali dentro. É um espaço muito diverso nesse sentido. Não é só um feminismo, são muitos feminismos. São espaços de troca entre pessoas que têm saberes distintos sobre o seu lugar no mundo, em relação às mulheres e às pessoas trans. E esse espaço foi muito formativo para nós, inclusive, na Silo, porque dentro dele tivemos conversas muito honestas sobre como é essa relação de poder, na ciência, na arte e em muitas outras áreas. Às vezes não temos espaços onde nós podemos trocar de maneira honesta nossas questões e relações. Então o nosso esforço ali é criar esse ambiente. Eu nem uso o termo “ambiente seguro”, porque nada é seguro e tudo é muito complicado em relação a isso, mas criar ambientes onde você pode ser honesta, acho que é o que conseguimos fazer. Então é um pouco esse tipo de trabalho que nós fazemos.

Para encerrar, gostaria de falar da Silo Escola. Dentro de tudo que fazemos há uma ideia de escola. Mas vamos esquecer dessa escola tradicional e pensar mesmo na origem dessa palavra, que talvez seja mais interessante, que tem a ver com o ócio, com a ideia de você utilizar esse tempo para si, para fazer as coisas que são importantes para seu crescimento individual, o desenvolvimento humano. A Silo Escola funciona como uma linha transversal a tudo que a gente faz para levar de maneira mais generosa, mais pedagógica, tudo e todas as loucuras que nós fazemos lá dentro da Silo com os nossos programas. Porque nem sempre vai ser acessível, nem as pessoas vão poder ir para lá. Então, com a Silo Escola nós podemos ir para os lugares, nós vamos para as escolas rurais, para outras comunidades e organizamos nosso trabalho em oficinas, sistematizamos um pouco mais para que aquilo seja desdobrado e para que o conhecimento possa ser democratizado efetivamente.

Sobre a autora

Cynthia Cristina Resende Mendonça

Doutora em Artes e Cultura (UERJ) e Diretora do “Silo – Arte e Latitude Rural”

e-mail: cynthia.mendonca@silo.org.br